

O QUE PRECISA FAZER PARA TRABALHAR AQUI? A LUTA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES PARA ATUAR NA CRECHE

João Luiz Silva da Rosa¹

Resumo:

Apesar dos avanços históricos que a Educação Infantil conseguiu nos últimos anos, abraçados por leis que respaldam a importância da primeira infância e da formação dos profissionais que atuam neste campo, ainda enfrentamos uma batalha para que a sociedade possa entender que a docência no contexto creche precisa ser valorizada. Não basta apenas gostar de bebês ou ter um jeito “materno” para lidar com os mesmos, precisamos de formação adequada para exercer a função e constante formação continuada para dar conta de uma demanda importantíssima que é aprender a lidar com bebês e crianças bem pequenas no contexto creche, valorizando o seu protagonismo e respeitando as singularidades, de forma qualitativa.

Palavras-Chave: Formação de professores; Creche; Bebês e crianças, Atuação dos professores; Valorização.

Abstract

Despite the historic advances that Early Childhood Education has achieved in recent years, embraced by laws that support the importance of early childhood and the training of professionals who work in this field, we still face a battle so that society can understand that teaching in the daycare context needs be valued. It is not enough to just like babies or have a “maternal” way of dealing with them, we need adequate training to carry out the role and constant ongoing training to meet a very important demand, which is learning how to deal with babies and very young children in the daycare context, valuing its protagonism and respecting singularities, in a qualitative way.

Keywords: Teacher training; Nursery; Babies and children, Teachers' activities; Valuation.

Introdução

O presente artigo retrata a importância da formação continuada dos profissionais que atuam no contexto creche (0 a 3 anos), o lugar de atendimento dos bebês teve diversos avanços, mas infelizmente ainda em nosso país sobrevala em alguns ambientes o olhar assistencialista, pregando uma cultura de que para trabalhar na creche necessita apenas ser mulher e saber trocar fraldas.

Como bem menciona Guimarães,

O fato de ser considerado um trabalho sem prestígio ou focado na proteção e na preservação relaciona-se com sua ligação ao que é doméstico, feminino, da ordem das emoções – o que é

¹ Pedagogo, Especialista em Educação Especial Inclusiva, Psicopedagogo Institucional. E-mail: joaosilvapedagogo@hotmail.com

desqualificado em nossa sociedade patriarcal e racionalista (Guimarães, 2013, p.249).

O surgimento das creches nasceu da iniciativa privada, tanto na Europa quanto no Brasil, por meio de mães trabalhadoras, igrejas entre outros, Segundo (Ortiz, 2021, p.19): “O objetivo explícito era guardar as crianças”. Podemos considerar esse viés como um simples espaço para garantir que as crianças permanecessem ali, apenas sendo “reparadas” ou olhadas por outras mulheres, como uma demanda do próprio capitalismo que exigia essa ação. O contexto creche sempre foi visto como um espaço emergencial, de forma improvisada, sem uma real finalidade educativa.

Segundo Ortiz:

“Essa concepção era traduzida por um atendimento extremamente empobrecido, de má qualidade, poucos recursos e quadros profissionais sem formação específica, composto, muitas vezes, por voluntários, além evidentemente, de ausência de legislação específica e de normas básicas de atendimento” (Ortiz, 2021, p.20).

Ficando claro que não havia uma preocupação acerca do desenvolvimento das crianças, formação adequada para os profissionais e a preocupação em garantir que as crianças convivem em um espaço de aprendizagens significativas.

A creche centrava-se em um modelo com as concepções de famílias e maternidade, seguidas por especialistas de diversas áreas (medicina, serviço social, psicologia, entre outros), com atividades prescritas pelos mesmos citados.

Segundo Ortiz:

Essa concepção higienista, vigente no início do século XX, preconizava que os cuidados deveriam ser realizados por enfermeiras e outros profissionais da área da saúde. Na década de 1940, as pais substituíam, pois a ênfase passa a ser na ideia de substituto materno. Preocupação com a alimentação, higiene, prevenção de doenças e proteção eram os focos desses atendimentos.” (Ortiz, 2021, p.21)

Ficando evidente que naquela época a visão era um cuidado assistencialista, voltado apenas para a proteção das crianças enquanto seus responsáveis estariam no mercado de trabalho. A partir da década de 1970,

no Brasil, as creches passaram a ter uma expensão no poder público, movimentada pelos movimentos feministas, sendo chamado de “movimento de luta por creche”.

Na década de 1980, após a pressão popular de movimentos sociais e dos profissionais que atuavam na Educação Infantil, ocorreram mudanças destinadas às políticas de garantias à primeira infância (Constituição de 1988, LDB 9394/96/ ECA), reconhecendo como dever do Estado o atendimento de crianças de 0 a 6 anos em instituições educativas (creches e pré-escolas).

São esses documentos que vislumbra a importância da garantia no atendimento das crianças em creches, além da importância do espaço físico como ambiente de aprendizagem, é fundamental que os profissionais que atendem bebês e crianças bem pequenas tenham uma formação adequada e busquem a formação continuada para fortalecer ainda mais o espaço escolar e a importância do protagonismo infantil.

Mello (2009) abraça a visão de criança, de infância viva e vivida e de uma Educação Infantil,

[...] procedente do entendimento de que a criança possui ilimitada capacidade de aprendizagem, é capaz de ações humanizadoras, de relacionamentos, de convivências com outras crianças e adultos de seu entorno, constituindo sua natureza social humana, mediante apropriações e objetivações motivadoras de seu desenvolvimento cultural. Assim, a expectativa que se tem sobre a criança, o lugar destinado a ela na sociedade em geral e, em particular, no espaço educativo e, fundamentalmente, as oportunidades de aprendizagem que lhe oferecemos, fortalece esse novo entendimento: a criança como pessoa com direitos próprios, particularidades e interesses a serem ampliados por meio das relações vivenciadas dentro e fora da escola da infância. Decorrente desse novo olhar sobre a criança, surge, também, uma nova significação para a educação infantil como possibilidade de humanização, oriunda de processos intencionais e conscientes de ensino e de aprendizagem das crianças a partir do seu nascimento (Lima; Silva; Ribeiro, 2010, p. 16).

Conforme discussão, compreendemos que o trabalho docente aprimora no desenvolvimento das relações com os bebês e seus pares e adultos. A valorização da creche deve iniciar dentro do próprio ambiente, com profissionais que tenham a compreensão do seu papel.

Segundo Gusmão:

A identidade destas profissionais é duplamente frágil. Por um lado a falta de formação e por outro, a desvalorização que o trabalho com a criança pequena ainda sofre. É enfraquecida pelos critérios pouco específicos exigidos para a função: ter primeiro grau, gostar de crianças e, de preferência, ter experiência anterior com crianças, mesmo que de maneira informal. A verdade é que as auxiliares e berçaristas aprendem seu trabalho no dia a dia com a equipe (Gusmão, 1997, p.85).

O que precisa fazer para trabalhar aqui?

Apesar de todo o avanço no campo da Educação Infantil, com pesquisas, publicações e grandes estudiosos que valorizam a primeira infância, o caminho para que as instituições tenham profissionais com formação adequada, ainda está sendo percorrido em muitos espaços brasileiros.

[...] a desvalorização do magistério, principalmente para o trabalho com crianças da faixa etária entre 0 a 5 anos. Esse processo de desvalorização reflete no saber e fazer do (a) professor (a) em que muitos encontram-se desanimados e até acomodados com a situação que envolve baixos salários, salas lotadas, carga horária extensa, multiplicidade de funções e papéis, problemas de saúde, entre outras questões (Silva; Oliveira, 2014, p. 70).

O tema formação inicial e continuada é uma questão de fragilidade, pois para muitos adultos basta apenas gostar de bebês, voltando para ações de cunho assistencialista, esquecendo que o cuidar e educar caminham mutuamente quando pensamos nos bebês. O problema é que ainda encontramos espaços que não exigem formação adequada e não garantem condições para que esse profissional possa aprimorar os seus conhecimentos, não tendo oportunidade de reflexão sobre a sua prática na primeira infância.

Conforme a LDB é direito dos professores que haja formação em serviço: “Realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância.” (Brasil, 1996). É fundamental ocorrerem momentos formativos para os profissionais, ampliarem a sua prática docente com os bebês, entendendo as suas especificidades e ações, as demandas que surgem são diversas e o

profissional precisa ter preparo para dar conta e tornar o seu trabalho de qualidade.

De acordo com Silva e Oliveira (2014, p. 71), entendemos que a “formação continuada é urgente e necessária não meramente para desenvolver artefatos técnicos, mas, principalmente como espaço para o diálogo, a reflexão e troca de experiências”.

No período de 2021 e 2022 atuei como coordenador pedagógico em uma escola privada de EI, ter participado dos processos seletivos de profissionais que iram atuar com os bebês naquela instituição, foi de extrema importância. Entre tantas pessoas tive a oportunidade de conhecer naquele período, ficava reflexivo que grande parte se abraçava na resposta: “para trabalhar com o grupo dos bebês a gente precisa gostar”.

Essa frase andarihou muito, a afetividade/ gostar é um critério importante, mas não o único para atuar com os bebês na creche, que crianças eu gosto? Apenas gostar irá ajudar no atendimento da creche? O adulto que irá atuar com os bebês, precisa ter clareza que será alguém importante na constituição psíquica e no desenvolvimento do bebê.

Para Falk:

Uma relação afetiva de qualidade entre adulto e criança; o valor da atividade autônoma da criança como motor do seu próprio conhecimento; a regularidade nos fatos, nos espaços e no tempo como base do conhecimento de si próprio e do entorno; a dimensão extraordinária da linguagem como meio de comunicação pessoal; a compreensão inteligente das necessidades da criança. (Falk, 2004)

Para isso acontecer é imprescindível adultos capacitados, para entender a importância da proximidade relacional, respeito pelo tempo e desenvolvimento das crianças, sendo um adulto que possa oportunizar essa continuidade.

A creche é um ambiente da convivência e da educação, ajudar um bebê que está no começo da vida, requer pessoas capacitadas em constante movimento de uma formação continuada em serviço. Como vimos, a creche foi resultado de um complexo processo histórico, atuar nesse campo além de ser encantador precisa de subjetivação (enxergar os bebês enquanto sujeitos).

O entendimento do contexto creche, enquanto lugar de infância, precisa acontecer na formação dos profissionais, pois, a ação de sujeitar os bebês enquanto seres frágeis ainda é uma prática encontrada em muitas instituições. Ou seja, educadores que deixam os bebês permanecerem por longas horas sentados em bebês confortos, atividades pedagógicas não apropriadas para o seu desenvolvimento, cuidados mecânicos, como trocar a fralda ou alimentar esse bebê sem o vínculo.

Esses pontos explicitados muitas vezes não são discutidos na formação inicial (graduação) desse profissional, ressaltar essa importância do respeito pelo corpo do outro (no caso o bebê), deveria ser tema de muitos debates formativos, pois exercemos um papel constitutivo no processo do bebê.

David & Weinstein (1987), citados por Carvalho e Rubiano (1995), afirmam que todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender a cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competências, oportunidade de crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para contato pessoal e privacidade.”

Organizar o conforto e segurança dos bebês na creche, precisa favorecer o movimento, a ação, discussões que também deveriam adentrar na formação para os profissionais que atuam nesse campo. Ainda encontramos o excesso de materiais dentro da sala referência dos bebês, impossibilitando que os mesmos se movimentem ao chão, contendo os seus corpos.

O profissional precisa ter uma concepção de infância pautada no protagonismo, na ação daquela criança, bem como diz Silva (2022) viva e vivida, no contexto escolar, no ambiente que se torna um laboratório de aprendizagem.

[...] no complexo processo de educação infantil, o professor e a professora são profissionais capazes da criação de elos mediadores entre a criança e o conhecimento a ser aprendido, de maneira a escolher os melhores caminhos e conteúdo da cultura para a atividade e, conseqüente, aprendizagem infantil (Lima; Silva; Ribeiro, 2010, p. 17).

O professorado necessita criar um espaço seguro, valorizando cada criança e se nutrindo de saberes que possam ampliar o repertório cultural dos mesmos.

É por meio da formação continuada que o professor que atua na creche, poderá compreender os problemas do cotidiano escolar, refleti-los e, assim, planejar práticas educativas que visem o pleno desenvolvimento do bebê, respeitando o seu corpo, seu movimento e suas ações enquanto um ser protagonista que está fazendo inaugurações.

Considerações finais

Considerando o aporte teórico e as reflexões acerca da formação inicial e continuada na atuação da creche, ressalto a importância da busca por conhecimento dos docentes na Educação Infantil, sob uma perspectiva pautada no respeito e valor. Essa ótica defende que o movimento formativo promova o bom ensino, aquele que se adianta ao desenvolvimento, como bem menciona Vigotski (2010).

Cabe a esta formação continuada apresentar um fundamento teórico-prático que venha de encontro com o seu contexto de formação, buscar a qualificação para exercer práticas que respeitem o desenvolvimento das crianças. Ainda estamos na constante evolução para que a creche possa ser vista como um espaço de aprendizagens, para além do assistencialismo.

A formação continuada na creche precisa apresentar ações que aprimorem as necessidades da atividade docente, a valorização dos profissionais e explicitar para a comunidade que os profissionais que atuam ali tem formação específica e capacidade para exercerem os seus respectivos cargos.

Tornar-se professor é um processo contínuo, reflexivo e aberto que se dá em meio as relações estabelecidas, vivências, leituras, trocas com os nossos pares e observações que tivemos com os bebês e crianças bem pequenas. A formação promove novos entendimentos, somos inacabados e como sujeitos estamos em movimentação para a mudança.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 27 Jul. 2016.

CARVALHO, Mara I. Campos; RUBIANO, Marcia R. Bonagamba.

Organização do espaço em Instituições Pré-Ecolares. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos (Org.). Educação Infantil: muitos olhares. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. P.107 – 117..

FALK, Judith (org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência Lóczy**. Araraquara: JM, 2004.

GUIMARÃES, Daniela. GUEDES, Adrienne Ogêda e BARBOSA, Silvia Néli, Cuidado e cultura: propostas curriculares para o trabalho com crianças de até três anos. In: CARVALHO, Maria Cristina, KRAMER, Sonia e NUNES, Maria Fernanda. (orgs.) **Educação Infantil: Formação e Responsabilidade**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

GUSMÃO, Denise. **Formação do profissional de creche: dialogando com auxiliares e berçaristas**. In: KRAMER, Sonia et al.(orgs). Educação Infantil em Curso. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

MELLO, Suely Amaral. **Cultura, mediação e atividade**. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; SILVA, Vandêi Pinto da; MILLER, Stela(org.). Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações. Araraquara: Junqueira & Martin; Marília: Cultura Acadêmica, 2009.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Bluche, 2012.

SILVIA, Ana Maria; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan. **A relevância da formação continuada do (a) professor (a) de educação infantil para uma prática reflexiva**. In: JORNADA DE DIDÁTICAS. DESAFIOS PARA A DOCÊNCIA, 3.; SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CEMAD, 2., 2014, Londrina. Anais [...]. Londrina, PR:UEL, 2014. ISBN: 978-85-7846-276-5.

SILVA, João Luiz. **Por infâncias vivas e vividas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. The Way to Freedom - On the Publication of Documents from the Family Archive of Lev Vygotsky. Prepared for publication and with coments by Ekaterina Zavershneva. Journal of Russian and East European Psychology, v. 48, n.1, p. 61-90, Jan./Feb. 2010.